

## **IMAGEM CORPORAL DO DEFICIENTE VISUAL: UM ESTUDO DE REVISÃO**

Fabiane Frota da Rocha Morgado; Jairo José Monteiro Morgado; Maria Elisa Caputo Ferreira; Maria da Consolação G. C. F. Tavares

Universidade Estadual de Campinas.

### **INTRODUÇÃO**

A Deficiência Visual pode ser definida como uma limitação sensorial, capaz de anular ou reduzir a capacidade de ver, abrangendo vários graus de acuidade visual (Ferreira, 2007). Há dois tipos de limitação visual, cegueira total e visão subnormal, sendo esta também conhecida como baixa visão. (Gaspareto & Nobre, 2007). A Organização Mundial de Saúde define a cegueira como a acuidade visual menor do que 3/60 no olho de melhor visão, com a melhor correção óptica, ou seja, o indivíduo vê a 3 metros o que, normalmente, veria a 60 metros. Define a visão subnormal como a acuidade visual entre 3/60 e 6/60 no olho de melhor visão, com a melhor correção óptica (Thylefors et al, 1995).

A imagem corporal pode ser considerada como a forma específica e singular em que o sujeito constrói, de maneira evolutiva e dinâmica, a imagem mental de seu corpo existencial. É influenciada por fatores multidimensionais, em seus aspectos fisiológicos, libidinais e sociológicos e, para sua saudável preservação, é importante manter a integridade e unidade do corpo, por meio do desenvolvimento pleno da personalidade (Schilder, 1999).

A imagem corporal, se analisada de modo superficial, pode ser confundida com uma imagem unicamente visual do corpo, já que, na Língua Portuguesa, o vocábulo imagem se refere a “reprodução visual de um objeto dada por um espelho ou um instrumento de óptica” (Ferreira, 1993). Entretanto, a imagem corporal é maior e mais abrangente do que uma imagem unicamente visual, sendo um constructo complexo e multifacetado, passível de ser construído e reconstruído por todos os sujeitos existenciais, inclusive aqueles que não possuem o estímulo visual do próprio corpo.

Neste sentido, este estudo se justifica pela necessidade de esclarecer as diferenças entre imagem corporal e imagem visual do corpo, trazendo informações esclarecedoras para os profissionais da área de saúde que acompanham sujeitos deficientes visuais em sua prática profissional. Estas informações podem contribuir para que estes profissionais proporcionem a seus alunos/pacientes medidas eficazes que considerem sobremaneira a imagem corporal das pessoas com deficiência visual.

Esta pesquisa objetiva realizar uma revisão de literatura sobre a formação da imagem corporal do sujeito com deficiência visual.

## **METODOLOGIA**

Este é um trabalho descritivo de revisão de literatura.

### *Procedimentos*

Foram selecionadas para esta revisão, obras de autores clássicos na literatura da imagem corporal, que possuem destaque internacional nas pesquisas sobre a formação da imagem mental do corpo, especialmente pelas pessoas que não possuem estímulo visual. Os autores selecionados foram Schilder (1999); Dolto (2001); Dolto e Nasio (2008) e Damásio (2000).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Schilder (1999) destaca que o estímulo visual é preponderante na formulação da imagem corporal. Considera que a visão é importante na percepção do corpo, tendo em vista que a experiência visual participa intensamente na relação do indivíduo com mundo. O autor afirma que, “Indubitavelmente, as percepções visuais influenciam fortemente a imagem corporal” (Ibid. p. 127). As qualidades visuais de um fenômeno ou objeto são importantes atrativos para que o indivíduo experimente relações com o meio. Dessa forma, a visão é um importante orifício simbólico, que possibilita a entrada de diferentes informações, sobretudo do corpo, em sua relação ativa com o mundo e, conseqüentemente, atua na estruturação da Imagem Corporal.

Todavia, Schilder (1999, p. 109) esclarece que “precisamos do corpo

para ver, mas não apenas em função da experiência específica da visão”. Ele chama atenção para uma simetria e um equilíbrio interno da imagem corporal, destacando ser perigosa a valorização excessiva de apenas uma parte dela. Ao contrário, ele valoriza um aspecto multifacetado para a estruturação final dessa Imagem, já que, nela, atuam as diferentes estruturas sensoriais e perceptivas. Além disso, há a influência das dimensões fisiológicas, sociológicas e libidinais, que não possuem a visão como um fator preponderante para o desenvolvimento da imagem corporal. Mas, o que seria essa imagem? Dolto (2001), Dolto e Nasio (2008) e Damásio (2000) respondem esta questão, reforçando a idéia de que a imagem mental é maior e mais abrangente do que a imagem visual.

Na concepção de Dolto e Nasio (2008), a expressão “Imagem” resulta de um jogo de palavras dividido em três partes: a primeira letra “I” refere-se à identidade, o “ma”, primeira sílaba da palavra “mamãe” e o “gem” significa Terra, a base, ou ainda, o corpo. Esses autores destacam as diferenças entre esse tipo de imagem, que se pode ter em mente mesmo sem a visão física do corpo, e a imagem especular ou escópica, aquela que se reflete no espelho. Para eles, a imagem inconsciente do corpo não é aquela oriunda dos estímulos visuais, não é uma imagem especular, na verdade, é um aspecto relativo à identidade e identificação do sujeito. Ela começa no útero e se estrutura durante toda a vida.

Os cegos são capazes de formular sua imagem corporal, pois o fator preponderante não é a função específica do estímulo visual, mas a organização de outras vias sensoriais - táteis, cinestésicos, auditivos entre outros. Além disso, o outro, na figura de um familiar, principalmente a mãe, o professor ou qualquer pessoa que interaja com o cego, é fundamental para lhe oferecer informações associativas em sua representação mental. Dessa forma, mesmo que o indivíduo cego nunca tenha enxergado uma cor, por exemplo, ele pode tê-la representado em sua imaginação, pois ele já ouviu as pessoas falarem sobre elas e fazerem associações com estímulos térmicos como cores frias e cores quentes. Ele pode fazer, também, uma representação auditiva e emocional das cores em sua relação com os outros.

Damásio (2000) também diferencia a imagem unicamente visual da imagem mental. Para o autor o termo “imagem”, sinônimo de padrão mental, é

uma estrutura construída por sinais provenientes de cada uma das modalidades sensoriais – visual, auditiva, olfativa, gustatória e sômatossensitiva. Esta última inclui várias formas de percepção: tato, temperatura, dor muscular, visceral e vestibular. Logo, o vocábulo “imagem” não se refere apenas à imagem “visual”, refere-se às imagens sonoras, como as causadas pela música e pelo vento, às imagens sômatossensitivas, enfim, às imagens provenientes de todas as modalidades de estímulos.

Para os sujeitos cegos, a produção de imagens é singular, baseada em outros estímulos que não sejam o visual. Na verdade, para cada indivíduo, a imagem é pessoal, pois “nunca saberemos quão fiel é o nosso conhecimento em relação à realidade absoluta” (Damásio, 2001, 266). Nesse contexto, a forma dos cegos produzirem imagens mentais do mundo não se diferencia da formulação de imagens do próprio corpo. A sua relação com o meio possui elevada importância para a formulação da imagem corporal, tendo a falta do estímulo visual um papel relevante, mas não inibidor da construção dessas imagens.

A formação da imagem corporal dos videntes e dos deficientes visuais merece os mesmos cuidados especiais. No entanto, nos indivíduos desprovidos da visão, esses cuidados merecem destaque. É fundamental que os pais, bem como profissionais de diferentes áreas da saúde, como professores de Educação Física, Fisioterapeutas, Médicos, entre outros, propiciem um ambiente favorável e rico de estímulos sensoriais para a criança. Kearney-Cooke (2004) aponta alguns desses estímulos: Deve-se proporcionar diferentes tipos de atividades na água e de massagens; estimular o movimento; expressar amor no contato físico; providenciar o contato corpo a corpo e assistir o bebê conforme suas necessidades afetivas e biológicas. Eles devem encorajar a criança cega a explorar seus próprios limites, permitindo que aflore um sentimento de competência, diante das barreiras superadas. Devem oferecer oportunidades para que ela experiencie seu corpo de forma positiva e, ainda, encorajá-la a monitorar seus sinais internos indicadores de fome, satisfação, fadiga, entre outros.

Uma imagem corporal bem desenvolvida promove unidade e coesão do eu corporal, proporcionando ao indivíduo que não enxerga sensações positivas com seu corpo. O contrário pode colocar o sujeito em uma situação de

insatisfação, solidão e depressão, e como consequência, ele pode acomodar uma imagem corporal negativa.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi realizar uma revisão de literatura sobre a formação da imagem corporal do sujeito com deficiência visual. Foi observado que a imagem mental do corpo difere-se sobremaneira da imagem visual, pois é própria do sujeito histórico e existencial, em sua constante interação com o mundo, sentindo-o, reconhecendo-o e, principalmente, percebendo-o, sendo passível ao sujeito deficiente da visão.

## Referencias

Ferreira, ABH (1993). *Novo dicionário da língua portuguesa – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed.

Damásio, AR (2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento em si*. Trad. Laura Teixeira Motta. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

Dolto, F (2001). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Dolto, F.; Nasio, J. D (2008). *A criança do espelho*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ferreira MEC (2007). *Imagem Corporal, autoestima e vaidade sob a perspectiva de deficientes visuais congênitos*. 2007. 195 f. Tese (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Kearney-Cooke, A (2004). Familial Influences on Body Image Development. In: CASH, T., PRUZINSKY, T. *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice*. Nova Iorque: Guilford Press.

Schilder, P (1999). *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Gasparetto, MERF.; Nobre, MIRS (2007). Avaliação do funcionamento da visão residual: educação e reabilitação. In: MASINI, E. F. S (Org.). *A pessoa com Deficiência Visual: um livro para educadores*. São Paulo: Vetor.

Thylefors B. et al (1995). Global data on blindness. *Bull World Health Organ*, v. 73, n.1, p. 15-21.